

Men at Work
inicia pelo Rio seu
giro pelo Brasil

PÁGINA 2



CCJF promove
mostra sobre
potência feminina

PÁGINA 6



Acompanhe o
roteiro dos blocos
até domingo

PÁGINAS 8 E 9



2° CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Cantor, compositor e arranjador de craques do samba e da MPB, Pretinho da Serrinha comanda roda de samba no Circo Voador

‘Vim da Serrinha, ME ADAPTO desde que nasci’

Divulgação



Pretinho da Serrinha comanda roda de samba nas lonas da Lapa pela primeira vez

DNA de sambista mas com os pés bem firmados na colaboração musical grandes nomes da MPB, Pretinho da Serrinha comanda uma roda de samba nesta sexta-feira (16), a partir das 22h, no Circo Voador, abrindo um fim de semana em que o Rio ainda respira ares carnavalescos.

Da mesa de músicos no meio da plateia, o cantor, compositor, instrumentista, arranjador e produtor musical, vai apresentar seus incontáveis sucessos e outras preciosidades do samba.

Desde a infância na Serrinha, berço da Império Serrano, demonstrava se divertir mais com a música do que as brincadeiras de criança. Sua mãe lhe deu as primeiras noções de repique de mão e seu padrao fazia vaquinha para suas aulas de cavaquinho. Seu pai tocava na roda de samba do Botequim do Império e botava Pretinho para tocar com 8 anos. Anos depois,

despontou para uma trajetória de sucesso ao entrar para a banda de Dudu Nobre, onde se tornou percussionista e diretor musical. Foi quando conheceu Seu Jorge e Marcelo D2, com viria a trabalhar.

Como compositor, criou sucessos como “Mina do Condomínio” e “Felicidade”, parcerias com Seu Jorge; e “Feliz Alegre e Forte”, com

Marisa Monte. Seja como instrumentista, arranjador ou produtor, colaborou com grandes nomes da MPB como Caetano Veloso, Martinho da Vila, Lulu Santos, Marisa Monte, Maria Rita e Xande de Pilares, para quem produziu o egiado álbum “Xande Canta Caetano” (2023). O convite partiu da Paula Lavigne.

Ao falar sobre seu ecletismo e ter o pé em dois mundos musicais tão distintos, o músico não titubeia:

“Tem coisa que passa no samba e não passa na MPB. Marisa Monte jamais vai fazer um show sem passar o som. Mas a gente vai se adaptando. Vim da Serrinha, me adapto desde que nasci. Quando não está bom, faço ficar. Pra mim, tudo é lu-

cro”, disse em entrevista recente ao jornal O Globo.

Ainda em 2023, Pretinho fez a direção musical da homenagem a Alcione da 30ª edição do Prêmio da Música Brasileira, no Teatro Municipal. Foi Pretinho quem comandou no início deste mês a roda de samba que antecedeu o histórico show de 4 anos de carreira de Zeca Pagodinho no Estádio Nilton Santos, o Engenhão.

Às 20h em ponto, o Circo abre as portas com a Sessão das Oito que exibe “Mané Garrincha” de Márcia Paraíso, documentário feito quando o lendário jogador já estava aposentado e mostra imagens da sua terra natal (Pau Grande, RJ), do seu jogo de despedida, em 1973, além de depoimentos e cenas imperdíveis do gênio das pernas tortas.

SERVIÇO

RODA DE SAMBA COM
PRETINHO DA SERRINHA
Circo Voador (Rua dos Arcos s/
n° - Lapa)
16/2, a partir das 22h
Ingressos entre R\$ 120 e 60
(meia) e R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Shakira agradeceu aos fãs o suporte recebido

Shakira anuncia álbum após hit em que alfineta Piqué

Shakira anunciou que vai lançar em 22 de março o disco “Las Mujeres Ya No Lloran”, ou “As Mulheres Não Choram Mais” em português. “Criei esse álbum junto com vocês, que estiveram comigo por todo o caminho”, escreveu a colombiana no Instagram. “Reconstruí a mim mesma ao escrever cada uma dessas músicas. En-

quanto as cantava, minhas lágrimas viraram diamantes e minha vulnerabilidade se transformou em força”. É seu primeiro disco em sete anos. Shakira fez sucesso nas paradas mundiais de 2023 com “Music Sessions Vol. 53”, em que escutava seu ex, o jogador de futebol Gerard Piqué, com quem teve um término conturbado.

Adeus, Tony!

Morreu na madrugada desta quinta-feira (15), aos 63 anos, o jornalista e roteirista Tony Goes, colunista de Tv e cinema da Folha de São Paulo. Desde 2021, Goes tratava um câncer no intestino e, na última semana, descobriu que o tumor tinha se espalhado.

Obra póstuma

“Vitória”, último longa de Breno Silveira, morto em 2022, e com Fernanda Montenegro como protagonista, vai estrear no dia 15 de agosto. Na trama, a atriz encarna uma mulher que filmou e denunciou a rotina do tráfico de drogas em Copacabana.

Reação

O influenciador digital Vitor diCastro reagiu às críticas sobre seu desempenho como repórter da transmissão dos desfiles das escolas de samba do Carnaval na Globo. Ele afirma ser ator há 20 anos, apresentador há 12 e repórter há cinco.

Best-seller

O estoque de “Um Defeito de Cor” (Ed. Record), de Ana Maria Gonçalves, esgotou após a Portela basear seu desfile no livro, que é um marco da literatura brasileira por retratar a escravidão e dar protagonismo a uma mulher negra.



Divulgação

Colin Hay (ao centro) é o único remanescente da formação original da banda australiana

Medalhão do pop rock oitentista no Rio

Men at Work inicia giro em três cidades brasileiras com show no Qualistage

Uma das bandas mais significativas do pop rock oitentista, com mais de 30 milhões de discos vendidos e ganhadora do Grammy de banda revelação, o Men At Work se apresenta neste sábado (17), às 21h, no Qualistage. Do Rio, o grupo segue para shows em Curitiba (20/2) e São Paulo (21/2).

Com um repertório assumidamente influenciado pelo reggae e pelo new wave, a banda australiana é comandada por vocalista Colin Hay, remanescente da formação

original. Durante sua carreira a banda lançou três álbuns de estúdio, um disco ao vivo – gravado durante a passagem da turnê mundial pelo Brasil em 1996, oito compilações e dois vídeos.

No repertório da nova turnê o público irá encontrar todos os grandes hits da banda, canções como “Who Can It Be Now?”, “Down Under”, “Be Good Johnny”, “Underground”, “High Wire”, “Overkill”, “It’s a Mistake”, “Dr. Heckyll and Mr. Jive”, “Everything I Need”, “Maria” e “Man with Two Hearts”, entre muitas outras.

O Men At Work nasceu em Melbourne em meados de 1979. Já no início dos anos 80 se tornaria uma referência mundial no cenário pop rock, chegando a ganhar o Grammy Award de melhor artista iniciante, no ano de 1983.

Seu primeiro álbum, “Business as Usual”, de 1981, marcou o recorde de maior permanência para um álbum de estreia na primeira posição das paradas dos Estados Unidos. Os clipes de “Be Good Johnny”, “Down Under” e “Who Can It Be Now?” tornaram-se videoclipes de sucesso durante os primeiros anos da MTV americana, sendo que as duas últimas músicas chegaram ao topo das paradas americanas e de vários países em todo o mundo.

Apesar do grande sucesso, o Men At Work teve vida curta: a banda se separou em 1985. Colin Hay, que era o vocalista e também músico, compositor, multiinstrumentista e até ator, seguiu uma carreira de sucesso. Em 1996, ele se reuniu novamente ao tecladista e saxofonista Greg Ham, outro dos quatro membros originais do grupo, e juntos recriaram a banda, percorrendo com ela dezenas de países em todo o mundo. A segunda interrupção da carreira do Men at Work aconteceu em 2012, com a morte de Ham.

Em 2019, Hay, que continuava sua carreira solo e atuava ainda como membro da All Starr Band de Ringo Starr, retomou a banda com seu grupo de músicos de Los Angeles. Desde então ele tem viajado com o grupo apresentando shows com um repertório formado pelos sucessos das músicas originais do MAW e reunindo grandes audiências em todo o mundo, o que prova que as músicas da banda claramente resistiram ao teste do tempo.

SERVIÇO

MEN AT WORK
Qualistage (Avenida Ayrton Senna, 3000 – Via Parque Shopping - Barra da Tijuca) 17/2, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 400 e R\$ 200 (meia)

Mobobloco e Petrobras Sinfônica promovem bailão na Fundação Progresso

No Brasil a música não tem fronteiras. Os conceitos de erudito e popular são como uma miragem ao longe. Heitor Villa-Lobos, nosso maior nome da música de concerto, era chorão ineterado, tinha incontáveis amizades no samba e sua obra revelou ao mundo todas as sonoridades brasileiras. É neste clima que a Fundação Progresso recebe neste sábado (17) o Baile Sinfônico, um encontro entre os instrumentistas da Orquestra Petrobras Sinfônica e os ritmistas do Mobobloco, um dos nossos maiores blocos de rua do carnaval carioca. E a fusão de estilos segue também com as apresentações da



Divulgação

A orquestra cai na folia

Monobloco e Orquestra Petrobras Sinfônica dividem o palco da Fundação Progresso

DJ Nicole Nandes e do Bloco 442, que encerra a noite com um espetáculo de muita brasilidade.

A proposta do Baile Sinfônico se baseia numa convergência de di-

ferentes gêneros musicais, trazendo samba, marchinhas, forró e música clássica para um mesmo espaço. Sob a regência do maestro Felipe Prazeres, este “showcerto” tem to-

dos os elementos para fazer o público dançar com um repertório pontuado pela diversidade de estilos.

No repertório, canções emblemáticas como “Carinhoso”, “Cida-

de Maravilhosa”, “Taj Mahal” e “Pequena Serenata Noturna” ganham versões contagiantes. “Estamos animados em trazer de volta um dos nossos projetos mais divertidos, conectando a orquestra à sociedade em uma das festas mais importantes do país”, comemora o maestro Felipe Prazeres.

Este não é o primeiro encontro entre a música de concerto e a folia. Em 2014 e 2015, a Orquestra esteve com o Monobloco em festas que ficaram na memória do público. Nas ocasiões, centenas de foliões celebraram a riqueza sonora brasileira. Agora, será possível matar a saudade e finalmente ‘botar o bloco na rua’.

SERVIÇO

BAILÃO SINFÔNICO - MONOBLOCO E ORQUESTRA PETROBRAS SINFÔNICA Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24 - Lapa) 17/2, a partir das 20h30 Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Funk na Fundação

A Fundação Progresso recebe nesta sexta (16) uma festa funk. Com shows de Buchecha (foto), Deize Tigrana, Carrossel de Emoções e os DJs Tubarão e Goranmo, “O Baile”, como o próprio nome sugere, promete ser uma reunião única de referências. Buchecha tem mais de duas décadas de carreira, iniciada ao lado de Claudinho (1975/2002), com quem alcançou o sucesso com hits como “Nosso Sonho” e “Quero te Encontrar”.

Divulgação



Skylab na Lona

Depois de uma longa turnê no ano passado, se apresentando por todo o país, Rogério Skylab retorna ao palco do Circo Voador neste sábado (17). No extenso repertório do cantor e compositor, canções como “Você é Feia”, “Matador de Passarinho”, “Empadinha de Camarão”, “Urubu” e “Moto-Serra”. Abrindo a noite, Metais Pesados e Bloco to Be Wild tocam grandes clássicos do rock mundial em versão fanfarra.

Divulgação



Lembrando Tom

Neste sábado (17), o Soberano, casa de shows em Itaipava (Petrópolis), recebe um duo que já atravessou fronteiras. Marcos Ariel (foto) e Jean-Pierre Zanel-la já se apresentaram por três vezes no Festival Internacional de Jazz de Montreal, além de shows em clubes de jazz e festivais em Quebec City e Ottawa. No repertório, clássicos do jazz, do choro autoral e um passeio pela obra do Maestro Tom Jobim.

Divulgação



Para as rainhas

Izzy Gordon apresenta nesta sexta (16), às 20h, no Blue Note Rio, o show “Izzy Canta Rainhas” em que celebra o repertório de grandes vozes negras como as divas Aretha Franklin, Beyonce, Nina Simone, Elza Soares, Leci Brandão, Ella Fitzgerald e Dona Ivone Lara. “Esse show reverencia as grandes cantoras, que seguem me inspirando”, explica a cantora, filha do cantor Dave Gordon e sobrinha de Dolores Duran.

BNegão

experimenta a metamorfose

Rapper grava 'Canto da Sereia', canção de 1969, e vislumbra nova fase na carreira

Antecipando um dos nortes do projeto de mais um projeto, BNegão lança nesta sexta-feira (16) o single "Canto da Sereia". A faixa abre as portas para uma sonoridade diferente de tudo que o artista já fez até o momento. Uma real metamorfose - como o próprio título do disco ("Metamorfoses, Riddims e Afins") indica. "Assim seja. Assim será", afirma o cantor e compositor.

O primeiro single resume a

proposta do novo álbum: a recriação e transformação radical; ora das próprias obras de BNegão, ora das que fazem parte da sua trajetória de vida, do seu DNA sonoro. Este último é o caso de "Canto da Sereia" (de Osvaldo Nunes), originalmente lançada em 1969.

Nesta música (que tem produção do próprio rapper e de Gilbert T), BNegão avança e se aventura por mares nunca antes navegados dentro da sua discografia. Vocais em forma de



Divulgação

BNegão está finalizando o novo álbum

lamento, que remetem às tradições dos antigos corais afro, misturado com a produção que traz o afro-futurismo e o popular, acontecendo simultaneamente. "Tudo com as bênçãos da Rainha do Mar", acrescenta o músico que, durante a pandemia, gravou uma live com o violonista Bernardo Bosisio interpretando canções imortais de Dorival Caymmi.

Inicia-se, desta forma, a contagem regressiva para , um novo ponto de mutação dentro da carreira de BNegão, com o "Canto da Sereia" chegando como marco inicial, total, abrindo o caminho das águas.

Deppis de integrar várias bandas na juventude, BNegão despontou para o sucesso quando, a convite de Marcelo D2, ingressou no Planet Hemp substituindo o rapper Skunk, que acabara de falecer. Tornou-se ao lado de D2 um dos principais letristas do grupo. Além do Hemp, que voltou a gravar e se apresentar ao vivo há um ano, BNegão desenvolve vários outros projetos musicais.

CRÍTICA / DISCO / PEQUENAS IMPRESSÕES SOBRE O CAOS

O auto de uma cidade

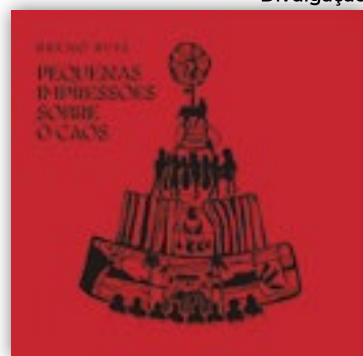
Por Aquiles Rique Reis*

Uma das virtudes de "Pequenas Impressões sobre o Caos", o novo álbum de Breno Ruiz, é ser quase um auto teatral, dramático e lírico, feito em louvor a São Paulo. As melodias criadas pela genialidade deste compositor, pianista e cantor paulistano, somadas aos versos de Roberto Dídio, são o sinal de que algo irresistivelmente criativo veio para acolher ouvidos ansiados pelo gozo supremo da música tatuando a pele. Disponibilizando-se para ser algo ainda maior.

Amadurecido, Breno cria harmonias e melodias que têm a beleza de serem ao mesmo tempo tradicionais e vanguardistas. Para tanto, a parceria com Dídio é fundamental: os dois complementam-se e se engrandecem. Tudo só se poten-

cializa com a participação de um violonista do porte de João Camarero (presente, dentre outras, em "Semaforica" (<https://youtu.be/hIhthLyqtj4?si=Cmqtd2QB4He0VZub>), "Desacalanta" (<https://youtu.be/hIhthLyqtj4?si=Cmqtd2QB4He0VZub>), que conta com a voz de Renato Braz, e "Campos Elísios", que também conta com Renato Braz, cantando e tocando percussões). Outra composição marcante é "A Tempestade", com Cristóvão Bastos (piano) e Miguel Rabelo (violão e voz). Criações com a marca exclusiva de Breno!

Teatrais de tudo, as músicas compõem o auto de uma cidade à qual Breno pertence. Os personagens (bailarinas, sinhás,



Divulgação

Pequenas Impressões sobre o Caos

sertanejos, camelôs, Severinos), enfim, tudo o que a memória musical de Breno dispõe e a dramaturgia de Dídio reflete, estão lá, numa jornada camerística de insuperável brasilidade.

Impressionam as introduções e as finalizações musicais criadas por Breno para cada

música. Ora trazendo só o piano, ora só o violão e ora ambos, elas são obras-primas à parte, prontas para quem sabe serem lançadas num futuro álbum instrumental.

Breno Ruiz é um grande cantor. Eu, inclusive, já lhe disse isso. Sua voz é personalíssima! Afinada, com graves e falsetes seguros, ela dá vigor ao álbum/auto e à dramaticidade composta por Dídio. Essas características ficam ainda mais evidentes nos versos "Pau de arara no sertão passou/ Severino de manhã partiu/ Pau de arara no rincão tombou/ Boia-fria no terrão caiu (...)"

Em 2016, Breno lançou o seu primeiro CD, Cantilenas Brasileiras, sobre o qual, à época,

expus meu arroubamento: "Estaria ele predestinado a ser um músico para sempre elogiado, mas eternamente desconhecido do grande público? (...) Mas os caminhos de Breno se abriram ainda mais quando Paulo César Pinheiro, sempre ele, escreveu todas as letras para o álbum." E assim, o poeta generoso juntou-se ao compositor singular, dando-lhe ainda mais asas para o voo inaugural. O resto é história.

O cidadão Breno Ruiz, consciente das desditas de sua gente, que também são suas, segue na luta, ainda mais disposto a fazer o que mais sabe e gosta: compor, cantar e tocar piano. Sorte dos que sabem de sua existência e o acompanharão enquanto tiverem ânimo de ouvir e fome de viver.

*Vocalista do MPB4 e escritor

EDITAL
DE CULTURA

INSCRIÇÕES
GRATUITAS

SESCRJ
PULSAR

2024 / 25

O SEU PROJETO ARTÍSTICO
PODE SAIR DO PAPEL
E GANHAR OS PALCOS.

O Sesc RJ lançou a **quarta edição do Edital Sesc Pulsar**, que seleciona e estimula propostas artísticas e culturais no Brasil. **Os projetos selecionados irão integrar a programação de cultura das unidades do Sesc RJ em 2025.**

Confira o edital completo no site sescrj.org.br/edital-de-cultura-sesc-rj/
E faça a sua inscrição!

Música • Teatro • Dança • Circo • Artes Visuais • Audiovisual • Literatura

Até
8/3/2024

Acesse:



INCENTIVANDO A ARTE

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Carnaval só veio trazer à tona aquilo que se brada pelas esquinas: a mulher brasileira, contra tudo e contra todos (principalmente), tem figuras emblemáticas em todas as áreas: cientistas, militares, artistas, magistradas, mães, amantes. A Mostra Mulheres da Palavra – Ana, Cora e Carolina, que será apresentada no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), a partir de 23 de fevereiro, dá voz a grandes escritoras, todas com enorme contribuição à cultura brasileira.

“Eu, amarelo: Carolina Maria de Jesus”, em cartaz dos dias 23 a 25) é adaptação de “Quarto de Despejo” (1960), livro escrito pela catadora de papel que mostrou todos os sentimentos que envolviam a vida à margem dos favelados em meados do século passado. A obra vendeu mais de 1 milhão de exemplares, sendo traduzida para 13 idiomas em 80 países. A autora – descrita por Carlos Drummond de Andrade como “a mais necessária e visceral flor do lodo” – tornou-se a mais importante autora negra brasileira do século passado e é retratada em cores vivas neste espetáculo com dramaturgia de Elissandro de Aquino, direção de Isaac Bernat e atuação de Cyda Moreno.

Com direção de Isaac Bernat, atuação de Paula Furtado e música original e voz de Soraya Ravenle, “Tenho Quebrado Copos” será encenado no CCJF entre os dias 1º e 3 de março. O espetáculo reúne poesias da mineira Ana Martins Marques, vencedora do prêmio da Biblioteca Nacional e terceiro lugar no Oceanos, mais importante prêmio literário entre os países de língua portuguesa. São poemas que falam de amor, solidão, devaneios filosóficos, entre outros temas existenciais retirados dos livros “Risque esta Palavra” (2021), “O livro das Semelhanças” (2015, terceiro lugar no prêmio Oceanos) e “Da Arte das Armadilhas” (2011, vencedor do prêmio da Biblioteca Nacional).



Cyda Moreno - Foto em ‘Eu, Amarelo, Carolina Maria de Jesus’

A força das mulheres no palco

Mostra no CCJF reúne monólogos sobre as potentes autoras Carolina Maria de Jesus, Ana Martins Marques e Cora Coralina



Paula Furtado em ‘Tenho Quebrado Copos’



Raquel Penner em ‘Cora do Rio Vermelho’

O monólogo “Cora do Rio Vermelho” encerra a programação especial entre os dias 8 e 10

de março. A peça apresenta a força feminina e da alma da mulher brasileira a partir da obra e da vida

de Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889–1985), consi-

derada uma das mais importantes escritoras brasileiras. Nascida na cidade de Goiás (GO), ela viveu mais de quatro décadas em São Paulo. Apesar de escrever seus versos desde a adolescência, ganhava a vida como doceira, e seu primeiro livro só foi publicado em junho de 1965, quando tinha quase 76 anos de idade. Escreveu sobre os lugares onde viveu, as pessoas com as quais se relacionou e a natureza que observava. Na peça, a atriz Raquel Penner se torna uma contadora de histórias atravessada pelo amor e pela entrega às suas tradições e à sua gente. A dramaturgia é de Leonardo Simões, com direção de Isaac Bernat.

A mostra nasceu do desejo de reunir três monólogos femininos de sucesso no circuito teatral que dialogassem entre si. As três artistas homenageadas utilizaram a palavra escrita para falar da sua gente, da sua região e da sua realidade. Juntas, formam um trio literário que, além de contar histórias, revela percepções profundas sobre as relações humanas. “Falamos sobre mulheres que escrevem e transformam a realidade à sua volta, através da palavra poética”, destaca Raquel Penner. “Ana, Cora e Carolina são mulheres à frente de seus tempos, que, mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos – condizentes a épocas e gerações distintas, obviamente – quebraram barreiras com atitudes que marcaram suas obras e servem de inspiração para outras mulheres”, completa Paula Furtado.

SERVIÇO

MOSTRA MULHERES DA PALAVRA

Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco 241 - Cinelândia)

23 a 25/2: “Eu, Amarelo: Carolina Maria de Jesus”

1º a 3/3: “Tenho Quebrado Copos”

8 a 10/3: “Cora do Rio Vermelho”

De sexta a domingo, às 19h

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15

(meia) e R\$ 40 (passaporte

da poesia para quem

comprar ingresso para os três espetáculos)

CRÍTICA / TEATRO / À BEIRA DO SOL

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Em todos os grupos sociais, há um conjunto de histórias, mitos, que relacionam a vida dos humanos com os fenômenos da natureza. Sol, lua, chuva, dia e noite não se explicam pelas ciências. O que se vê, sempre, é como a natureza é parceira ou não, muitas vezes em papéis como pai, mãe, filho, amante. “À Beira do Sol” é um canto, uma elegia, o percurso do herói, no caso heroína, de como se vencer o sol para manter a vida.

A peça infantojuvenil trazer elementos lúdicos, de muitos diálogos com o jeito daqueles das crianças, é, na verdade, uma pequena odisseia, dividida nos chamados cantos – episódios com uma história em si. Com direção e dramaturgia de Naira Carneiro (Cia Os Buriti) e Duda Rios (Cia Barca dos Corações Partidos), introduz a música como elemento de reforço ao lindo texto.

Naria interpreta Arian, a Vigia do Sol que tem como missão impedir que o sol desapareça, pois o que está em jogo é a luz versus a escuridão. A metáfora de múltiplos

Minha vida e o Astro-Rei

Diego Bresani/Divulgação



Naira interpreta Arian, a Vigia do Sol

significados, pois ter a luz, vai desde nascer, até a envolvente claridade, a vida e a escuridão da obscuridade, da morte. A canoa nos remete ao mito de Hades, quando os mortos chegam às trevas, pois consegue transformar texto em música, música em poesia, teatro em pura beleza. E todos esses elementos estão lá. Duda assim como Naria são verdadeiros arautos da cultura brasileira e de como pode se misturar os valores dos povos originários, das artes nordestinas, das pessoas em contato com seus afetos.

Essa capacidade nos remete aos princípios do que é a ficção desde que Shakespeare inventou o teatro como o conhecemos. O protagonista há de eliminar o mal, combater a escuridão e trazer a emoção das palavras como o elemento de resgate. “À Beira do Sol” realiza isso comovendo a plateia.

SERVIÇO

À BEIRA DO SOL

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

Até 25/2, às sextas (19h) e sábados e domingos (16h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Susana Vieira de volta

Com direção de Tadeu Aguiar, Susana Vieira volta com Shirley Valentine no Teatro Casa Grande, por apenas duas semanas, de 29 de fevereiro a 10 de março, de quinta a domingo. A versão brasileira de Miguel Falabella trata com leveza e muito bom humor os dilemas da personagem que divide com o público suas angústias, as situações inusitadas e pra lá de engraçadas que marcam sua trajetória, buscando entender onde foram parar seus sonhos. A montagem é releitura do clássico de Willy Russell, com encenações premiadas no Brasil.

Divulgação

Divulgação



Bilheteria aberta

A 32ª edição do Festival de Curitiba, um dos maiores e mais importantes festivais de artes cênicas da América Latina abre a venda de ingressos no site www.festivaldec Curitiba.com.br. O Festival acontece de 25 de março a 7 de abril, com cerca de 300 atrações, profissionais do Brasil e da América Latina, reunindo estreias nacionais, espetáculos premiados e aclamados pelo público, além de dança, circo, humor, música, oficinas, shows, performances e gastronomia, com mais de 2 mil profissionais de 12 estados brasileiros e da América Latina.

Divulgação



Para a criançada

O Centro Cultural Espaço Tápias promove a primeira edição do Projeto Leiturinhas, espaço onde alunos de 5 a 12 anos (com a participação de um responsável), do curso de Teatro do Espaço Tápias e do Projeto Engenho das Artes, ocupam o palco para a leitura dramatizada do livro “Kalu Quer Voar”. A autora Kiki Oliver (foto) estará presente no local para o lançamento do livro em uma tarde de autógrafos e acompanhará a leitura com as crianças. A classificação é livre e a entrada gratuita, mas é preciso retirar a senha com antecedência, na bilheteria.

SEXTA-FEIRA, 16/2**CENTRO**

*Urubu Malandro (Largo São Francisco da Prainha, 4, Saúde), a partir das 17h

*Só Tamborins (Rua Visconde de Maranguape, 19), a partir das 18h

*Auê Festival - Lamparina e Bloco do Johnny - Sinfônica Ambulante - Pagode do Will - Molekes do Piseiro - NAU Cidades (Av. Prof. Pereira Reis, 36, Santo Cristo), a partir das 21h. R\$ 30

SÁBADO, 17/2**CENTRO/PAQUETÁ**

*Bloco da Anitta (Rua Primeiro de Março, 1), a partir das 7h

*Chulé de Santa (Rua Joaquim Murinho, 2012, Santa Teresa), a partir das 11h

*Quizomba (Avenida Men de Sá, 10, Lapa), a partir das 10h

*Alegria da República (Rua dos Inválidos, 5), a partir das 14h

*Caraxué (Padaria Manduca, Rua Cerqueira, 74, Paquetá), a partir das 15h

*Só Cachaça (Rua Nabuco de Freitas, 183, Santo Cristo), a partir das 16h

*Bloco da Treta (Praça XV, 21), a partir das 16h

*Berço do Samba (Travessa do Mosqueira, Lapa), a partir das 18h

*Auê Festival - Duda Beat e Melody - brejinha - Meu Doce Acabou - Pagode do Will - Molekes do Piseiro - NAU Cidades (Av. Prof. Pereira Reis, 36, Santo Cristo), a partir das 21h. R\$ 30

ZONA SUL

*Sem Saída (Rua General Severiano, 76, Botafogo), a partir das 8h

*Bafafá (Praça São Salvador, 6, Laranjeiras), a partir das 9h

*Se Essa Rua Fosse Minha (Rua Paulo VI, s/nº, Flamengo), a partir das 12h

*Sufridus de Copacabana (Praça Inhangá, Copacabana), a partir das 16h



Blocos ainda agitam a cidade

Confira o roteiro dos blocos que desfilam nas ruas cariocas neste fim de semana que ainda respira ares de carnaval

*Mulheres de Chico (Praça Almirante Júlio de Norona, 86, Leme), a partir das 16h

*Deixa Comigo (Rua do Catete, 309, Glória), a partir das 17h

TIJUCA

*Cordão da Tia Juca (Praça Vanhagem, 581, Tijuca), a partir das 9h

*Superbacana (Praça Castilhos França,

Tijuca), a partir das 16h

BARRA/RECREIO

*É Pequeno Mas Não Amolece (Praça Professor Niremburg, Recreio), a partir das 15h

*Carnaval na Calçada - Noca Neto, É o Samba, Bola Preta (Estacionamento do Uptown Barra (Av. Ayrton Senna, 5.500 - Barra), a partir das 16h

ILHA DO GOVERNADOR

*Aki Pra Você (Rua do Romancista, 366, Freguesia), a partir das 11h

*Bloco Playmobil (Rua Artur Magioli, Jardim Carioca), a partir das 12h

*Vem Comigo Cachaçada (Praia do Zumbi, 51), a partir das 13h

*Carijó (Avenida Paranapuã, 21, Fregueira

Alex Ferro/Riotur



Alex Ferro/Riotur



Rafael Sacharny/Riotur



Joana Coimbra/Riotur



sia), a partir das 13h

ZONA NORTE

*Feiticeiras de Olaria (Rua Paranhos, 446, Olaria), a partir das 9h

*Sepulta Carnaval (Rua Ana Leonidia, 189, Engenho de Dentro), a partir das 14h

ZONA OESTE

*Bloco da Ressaca (Rua Barros de Alar-

ção, 370, Pedra de Guaratiba), a partir das 16h

DOMINGO, 18/2**CENTRO**

*Monobloco (Rua Primeiro de Março, 57), a partir das 7h

*Bonde da Folia (Rua Fonseca Guimarães, 8, Santa Teresa), a partir das 12h

*Folia Carioca (Praça dos Estivadores, 64, Gamboa), a partir das 14h

*Enredo Carioca (Praça Mauá), a partir das 14h

*Nossobloco (Rua Sacadura Cabral, 75, Saúde), a partir das 16h

*Liga de Blocos e Bandas da Zona Portuária (Rua Sacadura Cabral, 355, Saú-

de), a partir das 16h)

ZONA SUL

*Condomínio Habitacional Barangai (Barraca do Joel, Posto 9, Ipanema), a partir das 9h

*Filhos da P! (Posto 12, Leblon), a partir das 9h

*Foqueiros de Plantão (Rua Jardim Botânico com Rua General Garzon, Jardim Botânico), a partir das 10h

*Broxadão (Av. Atlântica, 2440, Copacabana), a partir das 14h

*Boka de Espuma (Rua Marques de Olinda, 58, Botafogo), a partir das 16h

TIJUCA

*Aí Sim! (Praça Comandante Xavier de Brito), a partir das 12h

*Papudinho do Rio Comprido (Praça Condessa Paulo de Frontin, Rio Comprido), a partir das 14h

7 de Paus (Boulevard 7 de Setembro, 238, Vila Isabel), a partir das 16h

BARRA

*Carnaval na Calçada - Noca Neto, Batuque de Mestre, Mocidade Independente de Padre Miguel (Estacionamento do Uptown Barra -Av. Ayrton Senna, 5.500), a partir das 16h

ILHA DO GOVERNADOR

*União dos Foliões da AFERJ (Praia da Olaria, 155, Cocotá), a partir das 11h

ZONA NORTE

*República Suburbana (Rua Aristides Caire, 12, Cachambi), a partir das 10h

*Encosta Que Cresce (Rua Antônio de Freitas, 2, Maria da Graça), a partir das 12h

*Amigos da Joaquim Méier (Rua Guaju, Méier), a partir das 14h

*Vou Te Pescar (Rua do Parque Madureira, 195, Madureira), a partir das 17h

ZONA OESTE

*Vou Te Pescar (Rua C Dois, 18, Padre Miguel), a partir das 13h

*Mocidade de Santíssimo (Rua Oscar de Souza, 153, Santíssimo), a partir das 16h

Infernal coqueluche nerd

Grife mais inventiva dos gibis da década de 1990, 'Spawn' ganha sobrevida no Brasil em quadrinhos da Panini e se prepara para brilhar nos cinemas em projeto com Jamie Foxx

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Esta semana em que a Shoppe oferece uma promoção na venda do bonequinho Spawn (R\$ 138,99 a peça), a Panini Comics já disponibilizou em pré-venda em seu site um encadernado com tramas inéditas do personagem mais famoso do quadrinista Todd McFarlane. Larva do Capiroto, concebido para ser o representante oficial das hordas do Trem Ruim na Terra, o vigilante vai ganhar ainda espaço nobre na telona.

Seu criador afirmou que o ator Jamie Foxx vai protagonizar o tão esperado regresso do personagem às telonas, num projeto do produtor Jason Blum (de "Corra!"). Este ano ainda o longa-metragem prometido há quase uma década deve sair do papel.

"O Spawn vai exigir um orçamento maior do que o dos meus filmes de terror, estimados em US\$ 15 milhões, custando cerca de US\$ 50 milhões, para assegurar bons efeitos visuais, que façam jus ao quadrinho", disse Blum ao Correio da Manhã ao ser homenageado pelo conjunto de sua obra, no Festival de Locarno, na Suíça.

Toda essa agitação audiovisual amplia o interesse pela edição da Panini, com 160 páginas de tramas escritas por McFarlane, ilustradas por Jason Shawn Alexander. Artistas convidados que já ilustraram Spawn – como

Divulgação



Greg Capullo, J.Scott Campbell, Jerome Opeña – vão estar lá. Há ainda uma edição à venda no www.panini.com.br narrando um encontro entre o Soldado do Inferno e o Batman.

Lá para abril há uma promessa de venda da saga de origem do personagem. Esse álbum a Panini vai vender por módicos R\$ 19,90 em seu site. É uma pechincha. Para fãs é obrigação.

Ao fim da pandemia, em

Shoppe vende bonequinho do mítico herói da década de 1990, criado por Todd McFarlane e que está em alta nas bancas de gibis

2021, a vida do personagem de HQs mais simbólico da revolução visual (e anatômica) da indústria gráfica da década de 1990 foi repaginada com a chegada do arco "GunSlinger". O título, que já dispõe de uma revista só dele, faz referência a um novo e feroz anti-herói concebido para trazer elementos de faroeste a um universo de fantasia no qual ação e terror caminham próximos: o pistoleiro Javier.

Mítica renovada

A figura renovou a mítica do gubi criado há 32 anos por McFarlane, que hoje dono da

Divulgação



maior linha de action figures, ou seja, bonecos para colecionadores adultos do mundo. Essa saga aproximou a grife Spawn da busca do mercado editorial dos EUA por vigilantes de origem hispano-americana, como se vê agora com o Besouro Azul, recém-chegado à HBO Max, com Bruna Marquezine no elenco.

Lá fora, nos EUA, de cara, as batalhas de Javier contra agentes das trevas e anjos de má índole

saem pelo selo Image Comics e venderam 385 mil unidades em sua arrancada, o que representa um best-seller. É uma narrativa escrita pelo próprio McFarlane, com Aleš Kot, e desenhos de Kevin Keane, Brett Booth, Adeldo Corona e Philip Tan, com cores de Ivan Nunes, num tom de western à la Clint Eastwood.

Javier, o GunSlinger Spawn, é um pistoleiro que teve seu corpo e sua alma amalgamados a uma força infernal que dá a ele numerosos poderes (sem contar a ampliação de seu gatilho infalível) num Velho Oeste assolado de assombrações. Na atual safra de aventuras de Javier, ele vem ao nosso presente, onde enfrenta o demônio Violador (um palhaço assassino) e se une ao Spawn do nosso tempo, Al Simmons.

Nos anos 1990, houve uma série de animações com Simmons, que hoje pode ser vista na HBO Max, trazendo o vozeirão de Keith David na boca de Al. Lá está também um filme de 1997, dirigido por Mark A.Z. Dippé, no qual Michael Jai White viveu Simmons. O longa faturou 87 milhões em sua carreira comercial.

No Brasil, em 2022, a New Order Editora (<https://newordereditora.com/>) lançou um belo encadernado para celebrar as três décadas do personagem. É uma coletânea chamada "Hellspawn", com arte de Ashley Wood e Ben Templesmith e tramas de Brian Michael Bendis e Steve Niles, reunindo 16 edições do gubi americano de Simmons, uma figura que revolucionou os quadrinhos.

Em julho do ano passado, durante a feira Comic-Con, em San Diego, Simmons anunciou que cinco novas linhas de gibis em torno do universo Spawn estão em desenvolvimento. A primeira delas é uma nova edição de GunSlinger Spawn escrita por Jimmy Palmiotti e ilustrada por Patric Reynolds. Sua trama se passa na Guerra Civil Americana (1861–1865). Uma outra saga, "No Home Here", leva os diabos de Simmons ao futuro.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vilão da franquia “Batman”, no papel do Espantalho, e protagonista de um drama político responsável pela primeira Palma de Ouro dada ao marxista Ken Loach (“Ventos da Liberdade”), o irlandês Cillian Murphy, hoje com 47 anos, completa três décadas de carreira em 2026, mas desfruta, na atualidade, de uma fase de apogeu.

Sua popularidade inflamou a abertura da 74ª Berlinale, quinta-feira (15), na capital alemã. Uma calorosa recepção a seu nome e à sua arte ampliou a expectativa do mercado exibidor por “Small Things Like These”, exibido na abertura do evento, em disputa pelo Urso de Ouro.

Apesar de sua narrativa intimista e de temas áspers (aborto, violência clerical, pobreza), o longa-metragem de Tim Mielants, vindo da Irlanda, adquiriu um status de espetáculo graças à presença do astro de “Oppenheimer”, fenômeno de bilheteria que dispara como favorito ao Oscar. Cillian ganhou o Globo de Ouro pelo papel do inventor da bomba atômica em janeiro e tem tudo para levar a estatueta hollywoodiana.

Se não bastasse, ele ainda faz sucesso no streaming com a série “Peaky Blinders”, trama mafiosa que, de tão aclamada, inspira uma linha de camisetas estampadas com o rosto do ator. “Quereria muito trabalhar com Tim de novo, depois do que fizemos no set de ‘Peaky Blinders’, e saímos em busca de um projeto até que minha mulher me sugeriu a literatura de Claire Keegan”, disse Murphy, ovacionado na Berlinale.

O best-seller homônimo de Claire foi a base de “Small Things Like These”, cuja produção é assinada pelos atores Matt Damon, Ben Affleck e pelo próprio Cillian, que protagoniza o filme no papel de Bill Furlong, chefe de um entreposto de carvão. Às vésperas do Natal de 1985, ele se dá conta de segredos de sua comunidade, envolvendo uma atitude dominadora da Igreja



o astro Cillian Murphy e o diretor Tim Mileants na abertura da 74ª Berlinale

Cillian Murphy, uma estrela que bomba

Protagonista de ‘Oppenheimer’, o filme com mais indicações ao Oscar de 2024, ator irlandês famoso pela série ‘Peaky Blinders’ abre o Festival de Berlim com drama sobre delitos da fé

envolvendo adolescentes grávidas. É uma alusão ao caso conhecido como As Irmãs Madalena, no qual jovens eram escondidas em conventos, por freiras, e tinha seus bebês confiscados. Emma Watson é a religiosa que entra em choque com Furlong. “A arte pode ser um alívio para as feridas”, disse Murphy.

Parceiro de Cillian em “Oppenheimer”, Damon passou por Berlim para assegurar uma acolhida mais serena a um longa polêmico.

“Com esse time de artistas envolvidos, meu trabalho era apenas facilitar o ambiente para todos”,

disse Damon.

Nesta sexta-feira, a competição pelo Ursode Ouro segue com “My Favorite Cake”, de Maryam Moghadam e Behtash Sanaechea, produção iraniana no qual uma solitária septuagenária abre o coração para um novo amor. Os artistas e filmes premiados do evento serão anunciados no dia 24, pelo júri presidido pela atriz Lupita Nyong’o.

“Vai ser apimentado”, disse Lupita na coletiva do júri, ressaltando o clima de polêmica que espreita a competição.

Laureado com o prêmio de Me-

lhor Direção no Festival de Locarno de 2021 pelo thriller “Zeros and Ones”, o mestre do cinema outsider americano Abel Ferrara regressa à Berlinale, quatro anos depois de ter concorrido com “Sibéria” (hoje na grade da Amazon Prime), pelas vias do cinema documental, com “Turn In The Wound”.

Realizador de longas de ficção cultuados como “Rei de Nova York” (1990) e “Vício Frenético” (1992), Ferrara promove um balanço do projeto geracional de seus conterrâneos de promover a paz mundial, num

estudo que pega carona nas músicas de Parti Smith. A cantora e escritora é o foco a partir do qual ele cartografa sequelas da guerra na Ucrânia.

“Falta autoentendimento ao mundo. Falta um espaço para as pessoas se olharem nestes dias onde tudo é conectado e onde se ruma pouco as narrativas que a gente consome. É por isso que eu estou sempre retratando pessoas que estão buscando encontrar paz e equilíbrio. A fé é parte dessa busca, dessa trilha por resistência”, disse o diretor ao Correio da Manhã, em sua passagem pelo Festival de San Sebastián, com “Sportin’ Life”, rodado durante a pandemia, em Berlim, em 2020. “Eu acredito que exista o Absoluta, em parte por conta de minhas origens italianas cristãs, e em parte pelo fato de o cinema ter me apresentado ao Sagrado... um outro Sagrado, humanizado”.

No terreno documental, sua filmografia sempre alia retratos de personagens pautados pela rebelião com radiografias de cidades. Alguns desses .doc misturam esses dois extremos, como é o caso do belo “The projectionist”, radiografia do wildest side de Nova York a partir das histórias de Nick Nicolau, um exibidor de filmes. “Novas câmeras e computadores permitiram que gente como eu tivesse o direito de seguir em frente”.

Frutos maduros do cinema espanhol

Presente em múltiplas seções do Festival de Berlim 2024, a Espanha emplaca no streaming os sucessos de 'A Sociedade da Neve' e de 'Alcarràs', que lhe rendeu um Urso de Ouro

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Envolve numa série de coproduções com a Europa e países da América Latina, a Espanha participa da 74ª Berlinale, iniciada na capital alemã, em múltiplas frentes, a começar pelo documentário "La Hojarasca", de Macu Machín. Leva ainda às telas germânicas a narrativa experimental "The Human Hibernation", de Anna Cornudella Castro, e o curta "Cura Sana", de Lucía G. Romero, participando da seleção de clássicos restaurados do evento com "Depressa, Depressa", com o qual o mestre aragonês Carlos Saura (1932-2023) ganhou o Urso de Ouro de 1981.

Favoritização ao Oscar de Melhor Filme Internacional deste ano com a produção Netflix "A Sociedade da Neve", de J.A. Bayona, o cinema espanhol goza de um prestígio histórico no Festival de Berlim. Não por acaso, foi lá que Pedro Almodóvar despontou para a consagração, em 1987, com "A Lei do Desejo". Fora isso, muitos troféus foram atribuídos a longas gestados em Madri, Barcelona e terras catalãs, a se destacar o recente "Alcarràs", de Carla Simón, considerado umas pepitas douradas que mais reluzem na plataforma MUBI, onde pode ser visto via streaming.

Esse delicioso estudo sobre a vida em família rendeu à sua diretora o Urso dourado de 2022. Na sequência, a produção arrebatou a Mostra de São Paulo. "Tentei dar voz à casualidade a partir da arte do encontro, que minha prática documental me ensinou. Tentei levar o exercício de mirar pessoas em suas vivências particulares para uma ficção que reflete os dilemas reais da Europa rural de hoje",



Divulgação

Sem atores profissionais, 'Alcarràs', ganhador do Urso de Ouro de 2022, chegou ao Brasil via MUBI

disse Carla ao Correio da Manhã em Berlim, um dia antes de conquistar o Urso dourado.

Sua consagração é parte de um renascimento comercial do cinema de sua pátria, que brilhou em Cannes, em 2023, com o curta "Estranha Forma de Vida", do já citado Almodóvar (também no www.mubi.com), e com "Cerrar Los Ojos", do mítico Victor Erice. Inclua a TV nessa safra de excelência, além dos streamings. Existem camisetas, canecas, máscaras e toda a sorte de souvenirs de "La Casa de Papel" à venda pela Europa – assim como no Brasil – ilustrando o sucesso que uma narrativa talhada na indústria ibérica alcançou além das fronteiras de sua pátria, graças ao esforço estatal para tratar a cultura como um produto tipo exportação.

Recentemente, "Berlin", um derivado de "A Casa de Papel", estrelado por Pedro Alonso, chegou à Netflix, cercado de elogios. Há pouco, o Festival de San Sebastián, no norte da terra de Cervantes, exibiu "Apagón", uma minissérie dirigida por talentos classe AA do cinema ibérico, como Rodrigo Sorogoyen, Raul Arévalo, Isa Campo, Isaki Lacuesta e Alberto Rodríguez, que abriu o evento com "Modelo 77". Trata-se de uma trama catástrofe, abordada em cinco perspectivas distintas, baseadas em uma hipótese assustadora. O projeto foi idealizado para a Moviestar+ e já se estima que sua narrativa viralize e vire um

êxito popular.

Produções distintas como "Apagón" e "Alcarràs" são parte de um processo de expansão global perpetrado pela Espanha, mesmo sob crises econômicas diversas, para difundir sua produção audiovisual planeta a fora, consagrando nas plataformas de streaming, nas telas de TV e nas salas exibidoras (que já estão reabrindo) poemas em forma de séries ou filmes. Em 1999, com o sucesso internacional de "Tudo sobre minha mãe" (que deu um Oscar a Almodóvar), as agências de exportação espanholas perceberam que cinema e televisão são, ainda, a maior diversão – hoje, inclua as plataformas de difusão digital nessa conta – e preparam uma série de projetos para fomentar a indústria cinematográfica e as grandes produtoras de conteúdo de TV de sua pátria. O resultado é uma produção que hoje domina Netflix, Amazon Prime, Globoplay e outras redes, contabilizando uma série de projetos de longas ou de seriados que angariam prêmios em todo o planeta, e mobilizam plateias GG, como direito a animações, como "As Aventuras de Tadeo" e longas de terror de Paco Plaza (como "A Avó").

No passado, em 1978, quando a cineasta paulista Ana Carolina Teixeira Soares ("Mar de Rosas") integrou o júri da Berlinale, o festival nº 1 da Alemanha deu seu troféu dourado a dois longas da pátria de Goya: "As Palavras

de Max", de Emilio Martínez Lázaro, e "Las Truchas", de José Luis García Sánchez. O calor daquele momento era político, numa ressaca de franquismo, em dias em que Pedro Almodóvar começava a aparecer. O calor de agora, em que a suarenta paisagem catalã do longa de Carla ferve, é econômico, coroando a bonança midiática daquela país. Na TV, eles bombaram na HBO com "Pátria" e têm alcançado êxito global, em circuito, com "El Buen Patrón", de Fernando León Aranao, lançado aqui via Star +.

O aplauso berlinense para Carla Simón e seu "Alcarràs" veio trazer uma estampa de prestígio a um momento ascendente de uma filmografia que nos deu titãs como Isabel Coixet, Bigas Luna, Luis García Berlanga, Victor Erice e Carlos Saura.

Carla impressionou a crítica ao narrar o dia a dia dos Solé, um clã agricultor que vive da colheita de pêssegos. Nenhum de seus personagens é interpretado por atrizes ou atores com experiência profissional. Todas e todos foram selecionados em festas populares, antes da pandemia. Após reuni-los, a diretora criou uma célula familiar que gira em torno dos pessegueiros e das brincadeiras de um divertido quarteto de criancinhas. "Crianças mantêm o filme vivo, pois nos trazem o inusitado, a surpresa", disse Carla.

A Berlinale 2024 segue até o dia 25.

ENTREVISTA / SARA SILVEIRA, PRODUTORA

'O importante é fazer um cinema de mulheres, feminino, de resistências'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Quatro anos se passaram desde que a foto usada para ilustrar esta página, esboçando toda a indignação (e a baita coragem) da produtora Sara Silveira correu o mundo, a partir do Festival de Berlim, evento para onde ela volta esta semana, para lançar "Cidade; Campo". Estávamos, àquela época, às vésperas de a pandemia ser deflagrada, em meio a um dos muitos picos de hostilidade do governo Jair Bolsonaro contra as políticas culturais de inclusão do Brasil. Sara concorria ao Urso de Ouro com "Todos os Mortos", dirigido por Caetano Gotardo e Marco Dutra, e expôs sua resiliência, num gesto acompanhado por um discurso de bravura.

Saber resistir é uma arte que ela pratica – com louvor – desde os anos 1990, quando firmou seu nome - mundo afora - no rol da produção latino-americana. Culps como "Dois Córregos" (1999), "Durval Discos" (2002), "Os Famosos e os Duendes da Morte" (2009), "Mãe Só Há Uma" (2016) e "As Boas Maneiras" (2017) abrilhantam seu currículo, repleto de coproduções internacionais. Os maiores festivais do planeta sempre abrem espaço para seus filmes.

A cineasta Juliana Rojas, realizadora com quem Sara trabalhou em

produções aclamadas como "Um Ramo" (2007) e "Trabalhar Cansa" (2011) – ambas pilotadas em dupla com o já citado Marco Dutra -, é quem dirige "Cidade; Campo". O filme concorre na Berlinale, na mostra Encontros, onde terá uma série de projeções a partir da próxima segunda. Na entrevista a seguir, Sara faz um balanço do mercado no qual virou sinônimo de excelência.

Desde meados dos anos 2000, você vem acompanhando os passos de Juliana Rojas. Está com ela desde sua estreia. O que esse novo longa-metragem dela, "Cidade; Campo", demarca na travessia dessa cineasta?

Sara Silveira: Juliana é parceira faz muito tempo, desde o início da sua carreira. Seguimos juntas numa cinematografia que nos interessa. Esse novo longa é um caminho que dá seguimento à carreira dela, falando de questões sociais, mostrando as mulheres sobrepujarem bravamente seus desafios. Mulheres procurando caminhos e respostas. Vejo um filme maduro. Na nossa relação, é mais um filme, pois seguimos juntas com projetos futuros já pensados. O importante é fazer um cinema de mulheres, cinema feminino, cinema de resistência, que hoje está bem contemplado nesse festival.

À força de culps como "Tra-

balhar Cansa" (2011), você construiu uma estrada singular de coproduções internacionais e de entrada em festivais estrangeiros classe AA, como Berlim e Cannes. O que mais (e melhor) mudou nos mecanismos de parceria entre o cinema brasileiro e produtoras do exterior?

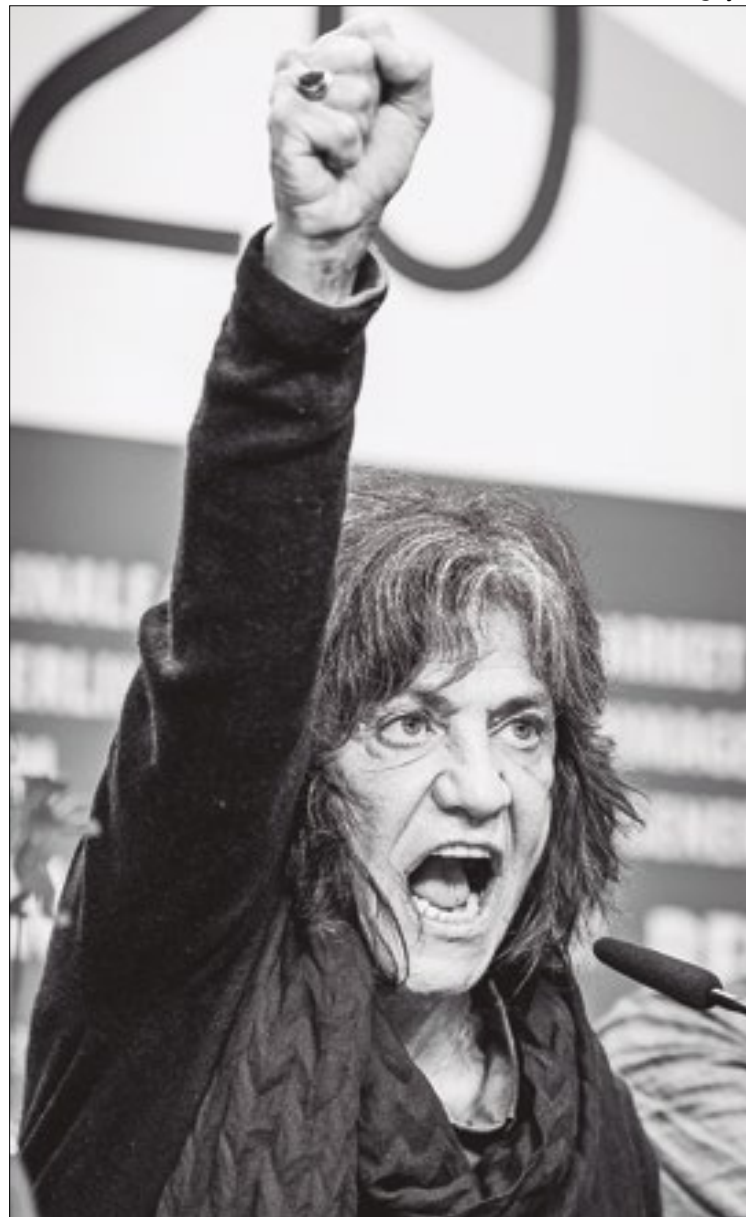
A pandemia atrapalhou o trabalho de todos. Nossas empresas passaram por um emagrecimento para suportar quase quatro anos sem cinema, com a perseguição que houve em relação à Cultura. Nesse aspecto, esse trabalho de coprodução é um ofício que se estende há anos, é uma network. É trabalho de formiguinha, no qual você vai montando as peças e conhecendo as pessoas, sempre acreditando em si mesmo para buscar essas coproduções. As coproduções só nos dão coisas boas, porque a gente tem suporte. Com elas, vem um dinheiro estrangeiro

que vale bem no Brasil. Elas dão um upgrade aos filmes, porque o fato de ter coproduções internacionais sempre facilita, um pouco, o caminho da chegada desses filmes ao mercado e aos grandes festivais. Mas nós ainda estamos engatinhando, pois a Ancine está retomando suas atividades. Com isso, temos que retomar todos os países com que tínhamos contratos, acertos e acordos de coprodução. Mas é importante destacar também o empenho que acontece quando nos unimos dentro do nosso próprio país para alavancar os recursos para a realização de uma obra.

Que parcerias internas são essas?

A gente teve parceiros muito legais, muito pontuais, como a Globo Filmes, a Spcine, a Quanta, a O2, o Telecine, o Canal Brasil e a Vitrine, nossa distribuidora, que também é nossa produtora associada. A nossa

Divulgação



agência, da qual veio o nosso dinheiro, que se juntou a esses coprodutores brasileiros para que a gente pudesse realizar esse filme. Temos ainda a Sutor Kolonko, da Alemanha, e a Good Fortune Films, da França. Esse grupo todo se uniu para levar "Cidade; Campo" para Berlim, para representar o Brasil.

Você teve uma corajosa e inesquecível passagem pela Berlinale de 2020, na véspera de a pandemia da covid-19 começar, na passagem de "Todos os Mortos" na disputa pelo Urso de Ouro.

Muito me alegra voltar à Berlinale com "Cidade; Campo". Berlim tem um olhar para esse cinema mais reflexivo, autoral, e é um festival bastante aberto, que recebe todas as linhas, todos os gêneros, todos os sexos. Ele dá espaço a esses filmes chamados de art house, que ali podem ser mostrados mundo afora. Participar de um evento desse porte, desse nível, com um filme realizado com enorme esforço, é motivo de orgulho.

Nas suas três décadas como produtora de cinema, houve sempre uma Estrela de Belém a iluminar seus passos: o diretor Carlos Reichenbach, que partiu em 2012. O que dele ficou de mais forte em você?

Carlão é a estrela maior. Dificilmente teremos algo tão grande, tão maravilhoso, tão magnânimo nesse nosso cinema brasileiro quanto ele. Carlão é, sim, é a minha Estrela de Belém; da produtora Dezenove Som e Imagens; da Maria Ionesco, que é minha parceira. Sempre fomos um trio que trabalhamos muito bem juntos. Continuamos o trabalho dele, buscando esse cinema verdadeiro que o Carlão fazia.

O que existe dele em "Cidade; Campo"?

Lá está São Paulo, e eu realmente me lembrei do Carlão ao vê-la, porque ele gostava daquela cidade e sabia filmá-la muito bem. Juliana carrega consigo os subtextos desse universo. Eu espero que o Carlão nos ilumine em Berlim, para que a gente possa ter uma bela apresentação, em nome do nosso país.

CRÍTICA / CINEMA / HORIZONTE

O outono do samurai

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

De arranque, em seus minutos iniciais, “Horizonte” impõe respeito por planos-sequências sem pressa. São planos atentos ao drama de uma família que se rearranja após a morte de seu patriarca. Cada plano desse inspira tensão e expira angústia o cuidado de nos apresentar seu protagonista, o aposentado Rui, meio que de soslaio. A primeira vez em que aparece, ele é enquadrado meio que de lado, sem holofotes, evidenciando o fato de que, para seus parentes, ele é apenas “o tio solteirão e velho”, sem passar do posto de “o irmão do morto”. No hemisfério inicial desse longa-metragem filmado em Goiás sob a direção (fina) do ator Rafael Calomeni, o septuagenário vivido (nas raiais do esplendor) por Raimundo de Souza implode ao ser esmagado por um sobrinho opressor e machista e pela sobrinha-neta que desdenha de sua atitude introspectiva e isolada.

O que vemos ao longo do primeiro tempo (quase 45 minu-



Divulgação

Raimundo de Souza em ‘Horizonte’

tos) de uma partida de escanteios afetivos é o calvário de um homem solitário. Numa fase outonal de sua vida, ele vê sua casa ser

invadida e dividida por pessoas de quem deveria esperar amor. A fotografia de Larry Sullivan se esbalda nessa premissa conflituosa

e desenha cada plano valorizando a aspereza da situação, num colorido de tons cálidos. Preciso, Calomeni investe na claustro-

fobia nessa porção inaugural de um filme que estuda estratégias de sobrevivência.

Mas assim que Rui descobre a existência de uma vila de acolhimento para a terceira idade, construída por uma ONG, o inverno glacial que se abateu sobre sua rotina - encerrando seu outono sentimental de modo brusco - entra em degelo e dá lugar a uma viçosa primavera. Um amor e novas hipóteses de reconstrução de sua harmonia surrupiada se desenham para ele. Mas, a vida, essa danada, não dá folga ao personagem, numa série de viradas que o roteiro de Dostoiévski Champagnatte constrói com sabedoria, apoiado na mirada resiliente de Raimundo de Souza, que faz de Rui uma espécie de samurai num mundo sem honra. Como os espadachins de Toshiro Mifune, o herói apresentado no filme de Calomeni tem um código de conduta rígido, atento à certeza de que resistir é um ofício.

O merecido prêmio de Melhor Filme dado a “Horizonte” no Festival de Vassouras, em 2023, coroou a relevância desse drama comovente.

CRÍTICA / CINEMA / BOB MARLEY: ONE LOVE

Marola (pesada) da contenção

Sem levar fé no refrão de “Don’t Worry About A Thing”, a esperada cinebiografia do messias do reggae Robert Nesta Marley (1945-1981) não embarcou na leveza pregada pelo músico que usou seu canto para desafiar a brutalidade da guerra civil na Jamaica e reduziu sua cruzada (de filosofia e fé) num panfleto político. Pior: um panfleto de marola pesada, sem a catarse que se espera de um filão quase infalível, a biopic musical.

“Bob Marley: One Love” é bom como aula de Sociologia e como tratado geográfico, recorren-

do à noção econômica hoje pouco citada de Terceiro Mundo para explicar o contexto histórico por trás das atitudes de seu biografado.

Sua fraqueza está na inabilidade de explorar o âmago afetivo (e mesmo existencial) do rei do reggae, que se resume a um discurso combativo na interpretação nada viçosa do inglês Kingsley Ben-Adir, o vilão da série “Invasão Secreta”, da Marvel.

A iluminação nada dionisíaca, quase bruxuleante, proposta pelo fotógrafo Robert Elswit, a fim de alimentar um tom intimista, emperra o que se espera



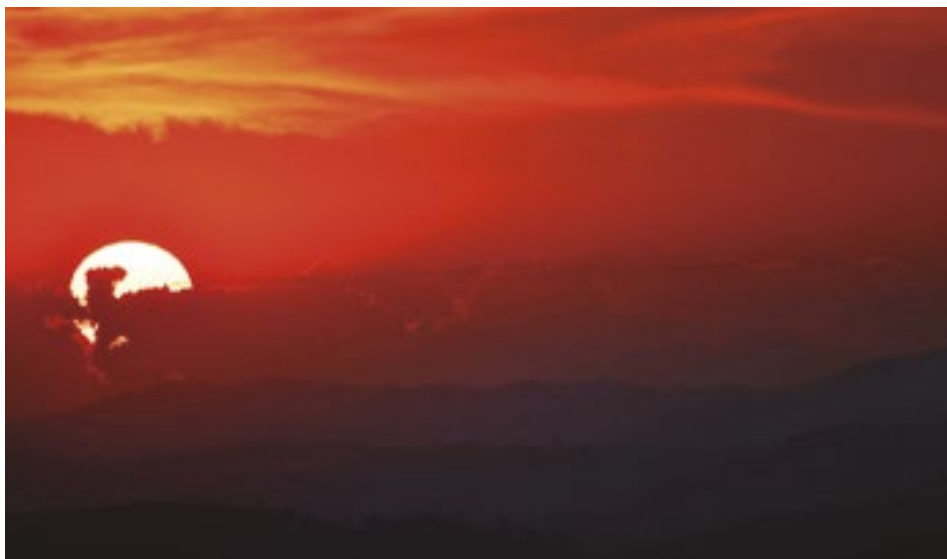
Divulgação

Bob e Rita Marley são vividos por Lashana Lynch e por Kingsley Ben-Adir em ‘One Love’. A atriz se destaca diante de um protagonista sem brilho

de “espetáculo” do novo filme de Reinaldo Marcus Green, realizador de “King Richard: Criando Campeãs” (2021).

Personagens satélites da vida de Marley se achatam no roteiro, que se concentra entre 1976 e 1978, reconstituindo a fase de um atentado vivido pelo cantor e compositor, seu êxodo para a Europa e seu regresso para um show doutrinador no credo do humanismo.

Quem se destaca em cena é Lashana Lynch, no papel de Rita Marley, parceira de vida e de palco do bardo por trás de “Redemption Song”. (R. F.)



As redações não são mais românticas. Perderam um certo élan. Lembro da minha primeira vez, a gente nunca esquece. Eu tinha 16 anos, cheguei ao prédio, cor-de-rosa, da rua Tenente Possolo, centro do Rio, para me apresentar ao editor-geral do Jornal dos Spots, Duarte Gralheiro. Tinha sido indicado por um tio, vascaíno doente, de quem era amigo e frequentava os fartos almoços na casa do ‘Almirante Paiva’, na rua da Glória em bairro homônimo.

Era conhecido, o almoço, como ‘Pensão do Almirante Paiva’ e recebia ilustres convivas, do mundo esportivo, jornalistas, intelectuais e afins — desde que torcessem pelo Cruzmaltino da Colina — todas às quartas. Era um evento disputadíssimo. Passavam à tarde comendo bacalhau, preparado com extrema destreza e carinho, pela Dona Maria e bebendo vinho alentejano. A conversa girava sempre, claro, em torno de futebol. Mais precisamente sobre o Vasco da Gama, aliás, qualquer comentário sobre outro time que não fosse o cruzmaltino, era imediatamente rechaçado pelo dono da casa com veementes “Aqui não!”.

Mas esta não é a história.

Pois bem, lá estava eu munido de um texto, que hoje reconheço, estava bem mal escrito, uma prova-contato – espécie de pastinha impressa diretamente dos negativos fotográficos – e minha inseparável Pentax – câmera fotográfica.

Gralheiro olhou tudo atentamente, chamou o editor de futebol dizendo: “pega esse material, que ele trouxe, e ajeta”. Chamou o editor de fotografia e disse: “vai dando umas coisas para esse menino fazer”. Estava num misto de inebriado e embevecido em meio àquela sinfonia de ‘teclares’ das ‘Remingtons’. Eu, ali diante de tantas feras... olhei para um canto e lá estava ele; Nelson Rodrigues. Assisti, in loco, algumas discussões acaloradas em relação ao Fluminense daque-

Direto da redação



le tricolor inveterado.

Tempos depois, estava na redação de O Cruzeiro. Rua da Lapa, 170, sobreloja. Não era um grande ‘galpão’, o ritmo era menos acelerado, pois era semanária, mas os personagens eram fantásticos. Saudades da minha incrível parceira, Rosana Dorfman. Fomos contratados pelo Beti, para editoria social. Fizemos matérias incríveis.

Saudades dos longos papos com o fotógrafo Rubens Américo, das molecagens que fazíamos com o, também fotógrafo, Airton Quaresma, contando histórias das fotos que ele não fez. Tudo pura brincadeira. Uma delas dava conta que, numa pauta sobre paraquedismo, indo fazê-la no Campo dos Afonsos, o paraquedista não havia aberto e, o paraquedista, havia se estatelado no chão. Indignado, voltou a redação blasfemando toda sorte de impropérios, pois havia se deslocado, em meio a um verão de quarenta graus carioca, para fazer uma foto de paraquedista, mas, o ‘bicho’ como dizia, não abriu. Questionado se fez a sequência, se limitou a dizer que a matéria era sobre paraquedismo e não sobre paraquedas que não abriam. Essas e outras histórias inventadas pelo Américo, eram maliciosamente confirmadas pelo Fernando Seixas, editor de fotografia, o que não dava margem para o ‘pobre’ Quaresma se defender.

Saudades dos sanduíches de presunto com queijo em pão dormido, nas madrugadas de plantão em que ficávamos disputando porrinha, do botequim 24 horas, no térreo do prédio. Tudo isso acompanhado por uma gemada de Caracu.

Saudades das ‘investigativas’ que passávamos três, quatro meses apurando e fotografando. Saudades do ‘sebos’ junto à central telefônica de incríveis três ramais, na maioria das vezes ocupados.

Havia um frenesi constante no ar. Era romântico.

Tomas Rangel/Divulgação



Hatch

Com vista é mais gostoso

Veja uma seleção de restaurantes para comer apreciando as paisagens cariocas

Tomás Velez/Divulgação



iT Ristorante

Divulgação



Horto das Acácias

Thays Bittar/Divulgação



Adega Santiago

Tomás Velez/Divulgação



Hills

Divulgação



Xian

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

O Rio de Janeiro é famoso por suas paisagens deslumbrantes com praias, lagoas, vegetações e pontos turísticos. Muitos restaurantes da cidade estão localizados estrategicamente para proporcionar, além de uma ótima experiência gastronômica, vistas arrebatadoras. O Correio da Manhã fez uma lista com seis restaurantes com um combo arrebatador de vista e gastronomia. Confira abaixo e aproveite:

ADEGA SANTIAGO – O restaurante, que fica no segundo andar do Shopping Village Mall, tem uma bela vista da lagoa da Barra da Tijuca e proporciona experiências visuais e gastronômicas memoráveis para seus clientes. Debruçado sobre a lagoa, possui janelas amplas de onde se pode contemplar as montanhas da Barra, e pelo seu reflexo, sua paisagem na água, além de uma vegetação povoada por garças e pássaros. Um perfeito cenário para degustar um dos vinhos brancos selecionados de sua excepcional carta, acompanhado das delícias super frescas do balcão do mar, ou até mesmo de algum dos combinados mais práticos e acessíveis que são oferecidos no almoço de segunda a sexta, em duas versões: somente o principal (R\$ 78) ou com o menu completo de entrada, principal e sobremesa (R\$ 92). Em ambas são ofertadas o arroz de pato. Av. das Américas, 3900 – 2º piso - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3900-1605.

GASTRONOMIA DO HORTO - O restaurante fica localizada dentro do Horto das Acácias, um verdadeiro oásis na região da Barra Olímpica, o maior Garden Center

do Rio, em tamanho (5 mil m²) e em quantidade de espécies. O restaurante oferece café da manhã, brunch e almoço em uma área privilegiada, com tranquilidade e ar puro. O almoço oferece prato executivo durante a semana e nos finais de semana e feriados, além da tradicional Feijoada (R\$ 64). Estrada de Camorim, 378 – Barra Olímpica – Estacionamento Gratuito. Tel: (21) 99011-8880.

HATCH - Com um menu impecável e vista deslumbrante da enseada da praia de Botafogo, com o Pão de Açúcar em destaque, o restaurante japonês, empreendimento de Marcel Nagayama, conta com muita elegância e sofisticação. O sushibar fica sob os olha-

res do público, que pode inclusive, se sentar na bancada para assistir e degustar de perto o show que conta com um menu delicioso e combinados especiais, indicados para duas (R\$ 300 – 30 peças) e quatro pessoas (R\$ 450 – 44 peças), preparados com rolls, sushis, baterás e sashimis escolhidos pelo chef, com os peixes mais frescos do dia. Botafogo Praia Shopping – Praia de Botafogo, 400. 5º piso. Tel: (21) 99127-3131.

HILLS - Localizado aos pés de um dos cartões postais mais famosos do Brasil e do Rio de Janeiro - Pão de Açúcar, o restaurante, aberto em abril de 2022, consolida sucesso na Cidade Maravilhosa como um dos points

mais cobiçados e conquista cariocas e turistas. A casa une gastronomia impecável, diversão, lazer e muita música boa em três ambientes: restaurante, lounge e rooftop. Á opções para todos os gostos. Destaque para os drinks autorais: Zé de London (R\$ 38), preparado com Beefeater Gin, pernod, cachaça e mini espeto de azedinhos; Mate Me Sede (R\$ 38) com Beefeater Gin, mate e espuma cítrica – o mate da praia nunca mais será o mesmo. Praça General Tibúrcio, 520, Urca. Tel: (21) 99257-6789.

IT RISTORANTE – O restaurante italiano, no Shopping Leblon, oferece uma vista deslumbrante para a Lagoa e o Cristo Redentor, através dos janelões de vidro. Entre as opções de pratos principais, o chef Luciano Ramos destaca algumas massas, como Gnocchi (R\$ 79) de batata na fonduta de Parmeggiano-Reggiano, cogumelos e azeite de trufas; e o Tortelli (R\$ 88), massa recheada com ragu de cupim bovino assado e creme de mozzarella de búfala com cogumelos e molho do assado. Shopping Leblon - Av. Afrânio de Melo Franco, 290 – 4º Piso – Leblon. WhatsApp: (21) 99947-6534.

XIAN - Com uma vista deslumbrante do Rio, o restaurante asiático também comporta um lounge com bar de alta coquetelaria, restaurante asiático com living e um night club com área externa pra shows. Cheio de originalidade, o menu apresenta variedade em pequenas porções para que o comensal se sinta à vontade para provar de tudo um pouco. O espetáculo da cozinha asiática contemporânea pode ser visto em entradinhas como as Ostras Frescas são servidas com molho ponzu e ovas de massago (R\$ 68). Av. Almirante Silvío de Noronha, 365, cobertura – Centro. Tel: (21) 2303-7080.